

## EXPRESSÕES DO CIBERATIVISMO DE ACEITAÇÃO CORPORAL Descrição de marcos e de experiências comunicativas em rede

Rúbia Sibebe Nogueira RODRIGUES<sup>1</sup>

Katarini MIGUEL<sup>2</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

**Resumo:** Nosso texto propõe algumas notas sobre a relação estabelecida entre o movimento feminista contemporâneo e as expressões comunicativas das causas de aceitação corporal, que contemplam especialmente o ativismo gordo e antigordofóbico, refletindo as características próprias dos movimentos sociais em rede as possibilidades dos ciberativismos. Estabelecemos um estudo de caráter descritivo, com marcos temporais e estratégicos como o Movimento Corpo Livre, que identificou uma atuação feminista de caráter horizontal e interseccional, por meio de intensa comunicação pelas redes sociais digitais, priorização de imagens de ruptura, ocupação dos espaços públicos e experiências pessoais que se transformam em lutas coletivas.

**Palavras-chave:** Feminismo, Aceitação Corporal, Ativismo Gordo, Ciberativismo, Redes Sociais.

**Abstract:** This article offers some notes on the relationship between the contemporary feminist movement and the production and maintenance of cyberactivism of body acceptance, which especially contemplates fat activism, reflecting the characteristics of social movements in networks (CASTELLS, 2013). We established a descriptive study, with temporal and strategic milestones such as the Free Body Movement, which identified a horizontal and intersectional feminist action, through intense communication through digital social networks, prioritization of disruptive images, occupation of public spaces and personal experiences that turn into collective claims.

**Key-words:** Feminism, Body Acceptance, Fat Activism, Cyberactivism, Social Networks.

### Ponto de partida

**P**artimos do pressuposto que emerge uma nova potência feminista, impulsionada pelas TICs, pelos regimes de visibilidade e interseccionalidade, que possibilitam delinear uma quarta onda do movimento social de mulheres, mais forte, enegrecido e demarcado na América Latina (JARA, 2018; HOLLANDA, 2019). Entendemos a fragilidade de uma demarcação cronológica das lutas feministas - até então dominadas por mulheres com condições de registrar suas histórias -, mas a proposta das ondas se mostra necessária como um recurso metafórico para entendermos que os levantes e as

<sup>1</sup>Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

<sup>2</sup> Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutora em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo.

reivindicações estão sempre em curso. A tentativa é de contextualizar e organizar as mobilizações dos movimentos feministas, ou seja, as fases de intensificação dos conflitos, na qual o protesto público ganha força, em que as demandas da vida privada são levadas para a vida pública, como uma reação diante do predomínio da hierarquia masculina manifestada na correspondência de forças, poder e dominação (OLIVEIRA, 2015). Dito isso, vemos a primeira onda impulsionada, sobretudo pela luta das mulheres brancas da elite intelectual pelo sufrágio universal, entre o fim do século XIX e início do século XX; centralizando a reivindicação de direitos civis. Enquanto a segunda onda, no Brasil mais posicionada a partir dos anos 1970, traz a ideia de que “o pessoal também é político”, ampliando a discussão da esfera pública para âmbitos como hegemonia masculina, a violência sexual e o direito ao exercício do prazer. (FELGUEIRAS, 2017). Já a terceira onda, situada na década de 1990, configura um feminismo mais popular; marcado pela institucionalização e maior segmentação do movimento, que pauta demandas da política, saúde, raça, identidade de gênero e diversidade sexual, na esteira de uma abordagem interseccional que se consolida conceitualmente (e se visibiliza) em tempos mais atuais, atravessando a quarta onda. Nesse sentido, é fundamental enxergar os fatores relacionados às identidades sociais que pesam na forma como os diversos grupos sociais de mulheres vivenciam a discriminação. As desigualdades relacionadas às mulheres não são simplesmente passíveis de hierarquização, é a interação dessas categorias que atuam na produção e manutenção das injustiças (CRENSHAW, 2002)

A partir deste breve cenário, situamos nosso artigo nesta pretensa quarta onda de um movimento social de feministas no plural, e intentamos aqui avançar no entendimento desse contexto a partir das pautas de aceitação corporal, que, conjecturamos, integram fortemente as bandeiras desta nova onda. Apresentamos uma pesquisa, em fase preliminar, que tem o objetivo de estudar as expressões comunicativas do ciberativismo gordo, a partir, sobretudo, do Movimento Corpo Livre, e discutimos aqui, as proximidades com as características dos movimentos sociais em rede, colocadas por Castells (2013). Assim, nosso procedimento metodológico se dá a partir da discussão teórica em

diálogo com o objeto - também sujeitas empíricas da nossa pesquisa -, levantando acontecimentos comunicativos que nos ajudam a entender os diferentes ativismos que compõem a miríade dos movimentos feministas em rede

### **Os caminhos do ciberativismo gordo no movimento feminista**

Caracterizada principalmente pela ampla divulgação do pensamento feminista pela internet via ativismo digital, avaliamos que a quarta onda molda-se pela mobilização via redes sociais, grupos online, páginas, perfis, sites. Mobilização que trouxe à tona uma insurgente denúncia social das mais diversas pautas feministas e um novo sentimento de urgência pelas suas resoluções, possibilitando a chamada “explosão feminista” percebida nos últimos anos da década de 2010. E para além do ativismo digital, que entendemos aqui no escopo do ciberativismo - que vai além da técnica e se configura como estratégia de mobilização (UGARTE, 2007) -, a quarta onda ultrapassa as telas dos computadores e gadgets, partindo para a ocupação dos espaços públicos das cidades, mobilizando as mulheres em marchas, protestos, intervenções e atos políticos por todo o Brasil na última década (HOLANDA, 2018).

A interseccionalidade e as desconstruções conceituais avançam e diversos regimes de visibilidade ganham espaço por meio, especialmente, das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação). As pesquisadoras Perez e Ricoldi (2019), avaliam que os movimentos feministas contemporâneos vivenciam um momento qualificado por três características principais: adoção da interseccionalidade e dos diversos feminismos; mobilização via meios de comunicação digitais e a formação de coletivos, ou seja, organização de forma fluida e distantes no discurso e nas práticas das organizações tradicionais e mais estruturadas.

Essa intensificação da questão social, pública e política nos faz refletir sobre a amplitude do movimento, que consolida a ideia de feminismos, no plural, e ressignificam o próprio entendimento de movimentos sociais em tensionamento com os ativismos contemporâneos. Castells (2013) aponta que os movimentos sociais se ressignificam, quando não nascem em rede, e se mostram como alavanca de potencialidades para transformação social. Os movimentos

então, no nosso entendimento, abarcam as diferentes estratégias ativistas, que na rede podem se mostrar mais ou menos organizadas, efêmeras e cíclicas. Os diversos ativismos possíveis passam pela libertação não apenas do controle dos corpos no sentido mais íntimo e relacional, mas também uma luta pelo fim da opressão estrutural e segregação sustentada em grandes escalas por instituições tradicionais da sociedade civil como saúde, mercado de trabalho, vestuário e acessibilidade (no direito de ir e vir, como a condução pública) (RANGEL, 2017).

Nesse sentido, vislumbramos nas características do ciberativismo gordo uma imbricação tanto deste atual momento do movimento feminista quanto das características dos movimentos sociais em rede, levantadas por Castells (2013), como o fato de serem movimentos motivados pela indignação; induzidos à ação e mudança coletiva por meio da mobilização societária de indivíduos conectados em redes; são baseados na horizontalidade das redes interativas de comunicação; contam com grande poder das imagens para a disseminação de ideias, além de atuarem no “espaço de autonomia” e serem movimentos “profundamente autorreflexivos” (CASTELLS, 2013, p.163).

Esse cenário, e mais especificamente o tipo e as formas de luta da quarta onda, ampliaram o olhar para as intersecções imbricadas nesse movimento. Tal ideia se relaciona também com a teoria dos Novos Movimentos Sociais, debatida por Santos (2001), que considera as iniciativas identitárias dos movimentos sociais essenciais para introduzir os novos fatores das relações entre regulação-emancipação e subjetividade-cidadania. Nestes conflitos identitários e desequilíbrios individuais, podemos encontrar uma trilha para compreender a eclosão do movimento *body positive* nos Estados Unidos no final dos anos 1990, cenário que deu impulso a um movimento de aceitação corporal que seria o embrião do ciberativismo gordo, então situados nas TICs. Esses movimentos surgem em contraposição às imposições de poder, compreendendo que formas de opressão como a gordofobia e não-aceitação corporal não atingem especificamente uma classe social, mas esbarram no que Santos (2001) chama, por exemplo, de grupos sociais transclasses.

Podemos demarcar a fundação do instituto *The Body Positive*, pelas norte-americanas Connie Sobczak e Elizabeth Scot, como princípio da comunicação

mais diretiva das mensagens de aceitação corporal, promovendo cursos e workshops, divulgando materiais e dando suporte a pessoas marcadas pelo processo de discriminação. Para além da criação de uma comunidade onde mulheres pudessem buscar recuperação para sua autoestima com discursos em contraposição às mensagens constantes e sufocantes divulgadas por toda a grande mídia que reproduziam o mito da beleza e encorajavam as mulheres a uma constante guerra contra seus corpos. (THE BODY POSITIVE, 2019). As raízes desta atuação estão no *fat liberation movement* (movimento da liberação do gordo), que tem início na segunda onda feminista e ganha influência, e a discussão pública problemas sobre biopolíticas e a discriminação contra corpos gordos atravessam as simbólicas ondas feministas (CWYNAR-HORTA, 2016).

O que se pode perceber é que a partir de sua fundação nos anos 1990, o movimento *body positive*, segundo Perez e Ricoldi (2019), seguiu sendo explorado e discutido dentro dos nichos dos movimentos feministas, mas foram as TICs, em especial as redes sociais digitais, as responsáveis pela proliferação dos conceitos de aceitação corporal, gordofobia, positividade corporal, opressão e violência dos padrões estéticos, criando uma comunidade de mulheres ciberativistas de aceitação corporal.

Uma verdadeira rede de mulheres gordas, atuando em diversas frentes: páginas, perfis pessoais, coletivos, organizações midiativistas<sup>1</sup> que se relacionam e comunicam entre si, abrem o diálogo e se posicionam perante a mídia e a sociedade. Para Bentes (2015) esta produção de conteúdo interativos, gera um engajamento contínuo com os diversos atores dos movimentos, incluindo os influenciadores digitais, promovendo um deslocamento dos ativismos para muito além dos espaços tradicionais expandido seus campos e lutas para uma nova forma de fazer e existir:

A discussão que interessa é como as redes sociais, com sua miríade de singularidades e processos de subjetivação, rompem com a lógica da reprodução por meio da informação e da comunicação que neutraliza e domestica os acontecimentos, reduzindo a imprevisibilidade, conformando ao já sabido. Essa proliferação e disseminação pós-mídias de massa já está acontecendo e criando uma nova ecologia midialivrista, uma quantidade muito grande de coletivos, redes, grupos e também de “perfis”. Pessoas que individualmente começam a se ver e

assumir como produtores relevantes de conteúdos. Essa percepção de que a mídia somos nós, esse conjunto de singularidades que podemos acessar, com quem podemos interagir e trocar realmente é uma mutação antropológica (BENTES, 2015, p.162).

Considerando o contexto das novas dinâmicas ciberativistas do movimento feminista em rede, as causas ressoam e se amplificam e o debate da diversidade corporal, em diálogo com o tensionamento do ideal de corpos padronizados, leva aos necessários questionamentos e problematizações sobre o corpo feminino. É nesse sentido que enxergamos uma contra narrativa nos espaços das redes, na medida em que os movimentos de aceitação corporal e ativismo gordo geram identificação e uma importante estratégia de visibilidade. Nesse sentido, nos atentamos a um forte representante deste ciberativismo gordo - o movimento Corpo Livre, que fornece pistas deste caráter de atuação, para além de digital, interseccional e coletivo; passando também pela mobilização “Vai ter Gorda”, que complementa nossas notas.

145

### **Marcos de visibilidade e autonomia nas experiências do Corpo Livre nas redes sociais**

O perfil do Instagram @movimentocorpolive foi criado em janeiro de 2020 pela jornalista, escritora e ciberativista do movimento ativista gordo Alexandra Gurgel, pioneira na abordagem da gordofobia e do conceito de corpo livre na internet brasileira. Gurgel iniciou seu trabalho como comunicadora em 2015 no You Tube, no canal Alexandrismos que hoje possui um público de 495 mil seguidores, somando mais de 31 milhões de visualizações. Os vídeos e posts produzidos falam sobre aceitação corporal, pressões estéticas, autoestima, relacionamentos e a luta contra a gordofobia, além de informar sobre as diversas formas de opressão à diversidade corporal, de gênero e sexual. Alexandra conseguiu disseminar de maneira significativa a hashtag #corpolive, numa forte alusão ao body positive, como a própria ativista coloca:

De forma resumida, o movimento corpo livre pretende ir além do meu trabalho. Sou uma pessoa só, tenho as minhas posições e opiniões. O movimento corpo livre é sobre pessoas, não é sobre mim, mostramos todos os corpos, é um movimento que já existe

há quatro anos. Hoje existe na sociedade digital e vai existir na sociedade física, queremos quebrar padrões. Queremos mostrar que podemos ser livres, que a gente pode viver nosso corpo, todos os corpos. Mas isso é um processo, somos uma rede de apoio e queremos ir além da internet. (GURGEL, 2020)

Observamos o perfil do @movimentocorpolivre no Instagram para trazer os indicadores mais atualizados em julho e na primeira quinzena de agosto de 2021. São 453 mil seguidores, enquanto a hashtag #corpolivre apresenta mais de 560 mil publicações na rede social. O perfil possui mais de 2.150 publicações, e tem em sua linha editorial a repostagem de fotos de seguidoras, com depoimentos sobre suas próprias jornadas de aceitação corporal com seus corpos, luta contra a gordofobia (incluindo a gordofobia médica); e postagens com a discussão de acontecimentos envolvendo a questão da diversidade corporal e o bem-estar feminino de forma amplamente interseccional, com temas como: saúde mental, capacitismo, racismo, questões de privilégio e violências de gênero de diversas ordens, especialmente àquelas relacionadas ao corpo das mulheres.

Semanalmente há uma postagem fixa, com uma galeria de fotos enviadas pelas seguidoras com a hashtag #corpolivre, compartilhada em forma de carrossel, com até 10 fotos de mulheres de todo o Brasil compartilhando imagens de seus corpos reais. (Imagens abaixo).

146





Figura 1. Fotos compartilhadas em perfil aberto do Instagram (@movimentocorpolive, 2021).

Grande parte do conteúdo do perfil se compõe com apoio da hashtag #corpolive, a partir do compartilhamento de fotos das seguidoras, cenas estas que não eram comuns nas redes sociais, quiçá nas mídias tradicionais. São imagens de exibição (e ruptura) que revelam corpos de todos os tamanhos e formatos, corpos gordos, com celulite, estrias, seios fora dos padrões da sociedade para exposição pública; muitas delas em roupas de banho.



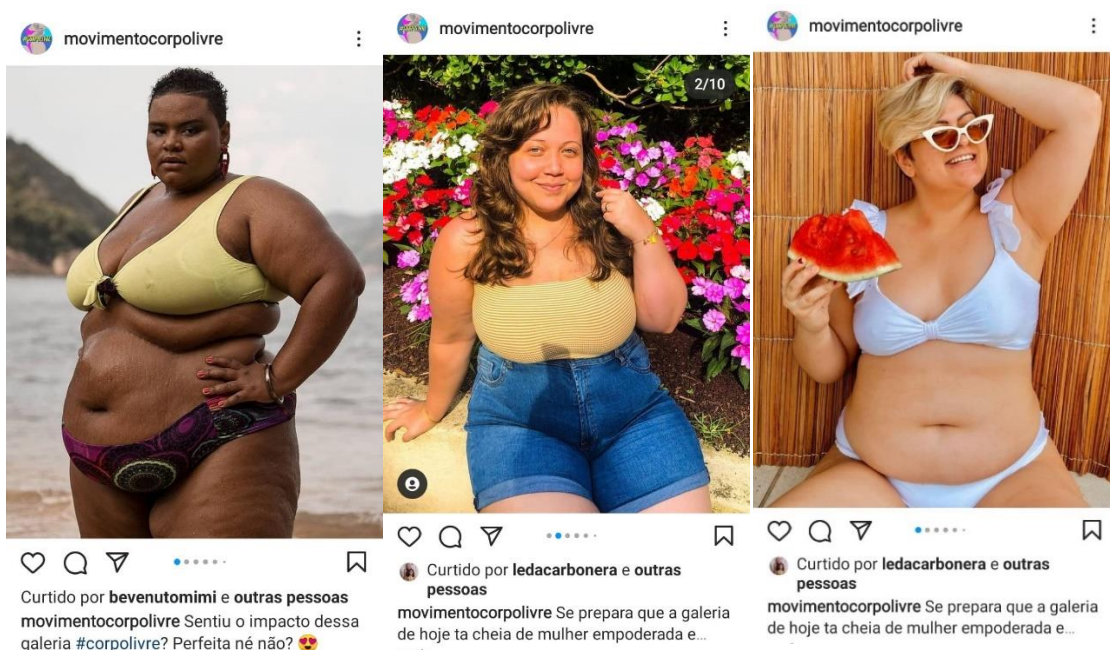


Figura 2. Fotos compartilhadas em perfil aberto do Instagram (@movimentocorpolive, 2021).

O movimento ganhou força justamente com a adesão coletiva e viralização de imagens de corpos das mais diversas cores, formatos, condição física, etnias e orientação sexual, que inspiram o movimento e dialogam diretamente com a ideia da aceitação corporal: um poderoso ato de apropriação de si mesmo.

Uma mulher que ao invés de cobrir-se, apertar-se em cintas, esconder-se em ângulos, passa a iluminar-se pelo flash das fotos, pelos posts inúmeros, alargando exponencialmente em bytes seu corpo de dobras, curvas, suas formas arredondadas e/ou assimétricas, mostrando-as em roupas que lhes são costumeiramente interditas pelas convenções ou desnudando-se delas, demarca, sem dúvidas, seu corpo como ato subversivo. Porém, é preciso destacar, o embate não está apenas no fora, pelo que se pode analisar mais de perto, acontece em seu próprio íntimo, cotidianamente, em uma luta também de fazer-se a si mesma, mais forte e apropriada de seu poder (SILVA, 2019, p.15)

A importância do poder das imagens é observada também por Castells (2013) como uma das características dos movimentos sociais em rede que se reflete na experiência do movimento corpo livre. Segundo o autor, a influência das imagens é soberana, sendo estas “uma das mais poderosas ferramentas de

mobilização”, desenvolvendo, inclusive, um papel fundamental na viralização das informações e no engajamento (CASTELLS, 2013, p.162).

A viralização das imagens e a disseminação de informações exercem um papel fundamental no contexto das TICs, ainda dentro da perspectiva da quarta onda feminista. Outro episódio evidencia isso. Em dezembro de 2017, Alexandra Gurgel sofreu um ataque direto quando uma foto sua viralizou nas redes sociais por meio de uma piada gordofóbica emitida pelo apresentador Danilo Gentili em sua página do twitter<sup>ii</sup>. Ele dizia que havia comido tanto na ceia natalina que ficaria como “essa mina aí” - publicando junto uma foto sorridente de Alexandra, de biquíni, publicada em uma reportagem feita para o site da BBC Brasil<sup>iii</sup>, cujo tema era justamente a gordofobia e a patologização das pessoas gordas.



Figura 3. Alexandra Gurgel na matéria sobre Gordofobia (BBC, 2017).

Em resposta ao apresentador, a ativista, se posicionou em um vídeo em seu canal<sup>iv</sup>:

O mundo para quem é minoria já é chato há muito tempo. Nunca foi divertido sofrer preconceito. Nunca foi legal ser marginalizado. Nunca foi motivo de riso ser expulso de casa, ser maltratado, ser visto como doente, ser visto como desprezível. Nunca foi divertido para a gente. Agora que a gente está tendo visibilidade, está tendo espaço, está começando a ficar um pouco mais legal o mundo, porque esses assuntos estão vindo à tona. [...] Foi por causa da gordofobia que tentei me matar e eu nem sabia que essa palavra existia, e a dois anos atrás eu escolhi viver a minha vida lutando para me amar [...] meu corpo não é mais questão para minha vida. Ser magra não é mais a questão da

minha vida, ser magra não é mais uma questão para eu começar a viver.

Como observa Silva (2019), Alexandra mobiliza nas suas respostas diversas questões que se ligam ao controle dos nossos corpos, às pressões estéticas que provocam distúrbios alimentares e psicológicos, discriminação e isolamento social que desestabilizam sobremaneira as vivências de uma mulher fora do padrão imposto. Ademais, a foto de biquíni ainda revela as interdições, repressões e castrações sem fim que as mulheres se impõem pelo simples fato de serem gordas. “Ser magra não é mais uma questão para eu começar a viver”, ela afirma no vídeo (GURGEL, 2017). Essa manifestação da jornalista parte justamente da sua experiência, que é uma marca dos ativismos em rede. “Sua fala aborda as diversas restrições na forma de vestir-se, de lugares a ir e ocupar no cotidiano, de imagens representativas positivas, de segurança no campo afetivo e sexual, e na própria concepção de direito ao alimento.” (SILVA, 2019, p. 12). Aqui notamos também a forte relação com a dinâmica da quarta onda feminista, que ressignifica as dores individuais e as transforma em causas coletivas (JARA, 2019).

A resposta de Gurgel viralizou e ecoou para além de seus seguidores nas redes sociais, como demonstra a reportagem da Revista Cláudia, intitulada “Internautas se mobilizam após comentário gordofóbico de Gentili”<sup>v</sup>, e a hashtag #GordofobiaNãoÉPiada”, passou a integrar as bandeiras do movimento. Em 2021, a hashtag já possui mais de 124 mil publicações apenas no Instagram.

As hashtags são uma das estratégias ciberativistas que dão força ao movimento, viralizando como slogans e servindo como etiquetas de mobilização. No caso da gordofobia, a pauta até então vista como uma causa secundária dentro do movimento feminista, começa a ganhar visibilidade por meio de páginas feministas e perfis pessoais em redes sociais, divulgando noções das diversas formas de discriminação estrutural ao corpo gordo, presentes nos múltiplos contextos socioculturais, que reforçam estereótipos, estabelecem bloqueios de acessos à ocupação das cidades e ao direito de ir e vir; e impõem às mulheres gordas e seus corpos, situações degradantes, com propósitos

segregacionistas, traduzindo-se na estigmatização e hostilização das pessoas gordas. (ARRAES, 2014, apud RANGEL, 2018).

Castells (2013) também elenca outras duas características importantes presentes nos movimentos ciberativistas, que vimos ressoar nessas mobilizações de aceitação corporal feministas: a não necessidade de uma liderança formal, em uma proposta de redes abertas, horizontais. Por mais que a figura da Alexandra seja uma espécie de liderança, há muitas outras mulheres de relevo no movimento ciberativista gordo, caracterizado tanto por uma fluidez em relação ao engajamento das ativistas, em seus diversos níveis de comprometimento de energia e tempo, quanto pela criação do que Castells (2013) chama de “espaços de autonomia”.

A partir do fluxo de informações em rede, possibilita-se também a ocupação dos espaços urbanos. Dessa forma, por mais que a internet ocupe um lugar central na constituição dos ciberativismos, o movimento gordo ou de aceitação corporal tem sinalizado para a importância do desconforto físico das estruturas vigentes.

Um exemplo disso foi a ação “Vai ter gorda na praia, sim! ”; do movimento “Vai ter gorda”, que tomou pela primeira vez a Praia do Farol da Barra em 2016 em um ato político de apropriação do espaço público. De acordo com a ativista, produtora e modelo *plus size* Adriana Santos<sup>vi</sup>, uma das organizadoras da ação, a ideia do movimento era estimular as mulheres gordas a irem à praia, valorizando seus corpos. O perfil @vaitergorda no Instagram hoje possui 14.770 seguidores, com mais de 770 posts publicados. O coletivo organiza rodas de conversa, palestras e workshops de conscientização levando as mobilizações para além das redes. É justamente nesta ocupação contínua do espaço online e na insistente ocupação da cidade que o movimento encontra o seu “espaço da autonomia”, “como força transformadora, desafiando a ordem institucional disciplinar, ao reclamar o espaço da cidade para os cidadãos” (CASTELLS, 2013, p.161).

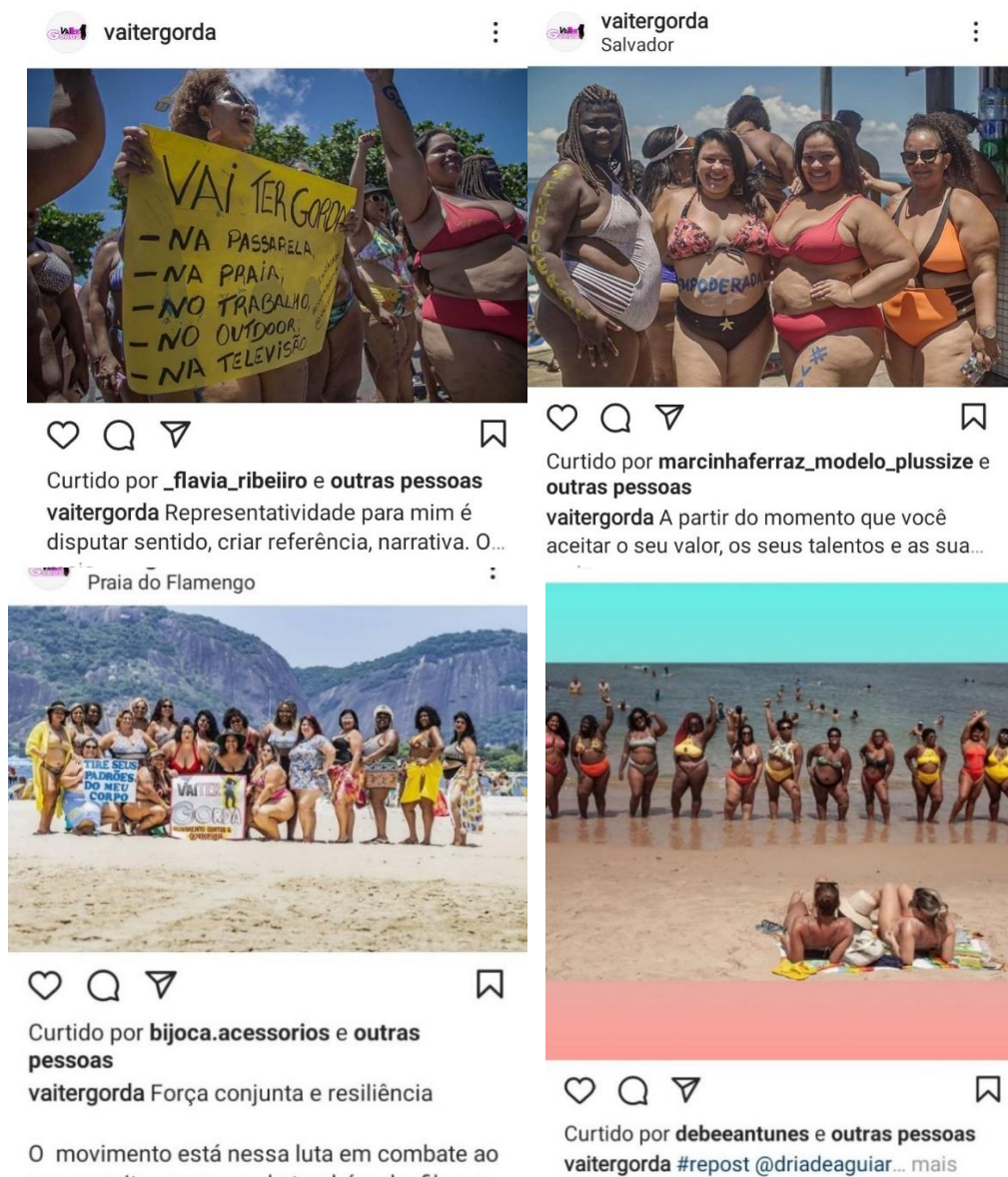


Figura 4. Fotos compartilhadas em perfil aberto do Instagram (@vaitergorda, 2016).

Essa força ativista que leva as mulheres a saírem da rede, apesar de tantos receios, e ocupar os espaços, pode ser vista a partir de marcos motivacionais determinantes na atuação dos movimentos em rede. Ao se desencadear o processo comunicativo que induz à ação coletiva para gerar mudanças, entra em cena a mais poderosa das emoções positivas: o entusiasmo. Dessa forma, "indivíduos entusiasmados, conectados em rede, transformam-se num ator coletivo consciente" (CASTELLLS, 2013, p.158); como observamos nas mulheres cheias de determinação e coragem, apesar do ato de contracultura.

As emoções desempenham um papel determinante na dinâmica dos movimentos em rede, sendo capazes de gerar e conduzir uma conquista de participação e um grau maior de apoio:

Os sentimentos de indignação, injustiça, medo, esperança, vergonha e até mesmo a euforia são fatores de empoderamento dos movimentos. Um discurso bem construído, com forte carga emotiva, imagens impactantes, que esteja apto a evidenciar aspectos da realidade, causando raiva, ira, tem muito mais capacidade de motivação e de ressonância entre os potenciais seguidores do que uma comunicação racional. Por isso mesmo que, para difusão dos problemas e suas consequências, muitos movimentos sociais utilizam, por exemplo, o exagero e o viés sentimental para impulsionar o comportamento coletivo (MIGUEL, 2015, p.103).

A grande contribuição da massificação de conceitos de apropriação corporal, liberdade, igualdade de direitos possibilitados pela quarta onda feminista - interseccional, digital e coletiva - por meio da internet e redes sociais, se destacam quando observamos o nascimento e crescimento dos ativismos de aceitação corporal em rede. Para além das discussões do mito da beleza, dos aprisionamentos psíquicos e físicos experienciados pelas mulheres, estas mobilizações possibilitam a ampliação das discussões sobre a apropriação corporal da mulher, suas liberdades e direitos individuais e políticos e, sobretudo, seu papel como única autoridade sobre seu próprio corpo.

153

### **Ponto de chegada**

Ao olhar o feminismo como um movimento social, principalmente no que se refere a defesa da expressão, da liberdade e da luta pela igualdade de direitos, extrapolamos o âmbito acadêmico e nos inserimos no seio de uma sociedade com urgência em apreender as representações do ser mulher e as tantas performances de gênero.

Existiu neste trabalho a tentativa de situar uma quarta onda feminista caracterizada pelos tantos feminismos possíveis e disseminados pelas tecnologias da comunicação, atravessada pela noção da interseccionalidade e potencializada pelos recursos ativistas.

O ciberativismo que pontuamos aqui proporcionou um movimento de aceitação corporal, pois deu espaço de forma mais facilitada para a aplicação de

conceitos que vinham sendo somente estudados e não vividos; permitindo experimentar o *body positive* e conseqüentemente possibilidades de subversão das imposições corporais que anos a fio vem sendo construída no imaginário social através das representações do corpo feminino nos fluxos imagéticos ao nosso redor.

Para tanto, evidenciamos também as características das expressões dos movimentos em rede que visualizamos nestas apostas do movimento de aceitação corporal: uso de hashtags e estratégias de viralização das pautas, experiências individuais que se transformam em coletivas, imagens intensificadas, a dinâmica de rua e redes para fortalecer o movimento e levá-lo para além do conceito de positividade corporal em direção aos movimentos de visibilidade do corpo gordo e ciberativismo gordo, nas lutas pela ocupação dos espaços e por direitos igualitários de acesso à cidade, ao trabalho e a uma vida digna. Direitos equitativos em meio às diferenças.

Com a discussão iniciada aqui espera-se contribuir para o estudo do movimento atual de aceitação corporal e ciberativismo gordo produzido nas redes sociais, de forma a fortalecer a investigação de como se dão essas iniciativas comunicacionais que contribuem para a libertação não apenas do corpo gordo, mas de todos os corpos femininos: diversos, múltiplos e livres por direito.

154

## Referências

BENTES, Ivana. Economia narrativa: do midiativismo aos influenciadores digitais. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. p. 151-169.

BOAVENTURA, Sousa Santos. Los nuevos movimientos sociales, **OSAL**, n.5, p.177 - p.184. CLACSO, Buenos Aires, 2001.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**. Ano 10 vol. 1, 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 06 ago.2021.

CWYNAR-HORTA, J. The commodification of the body positive movement on Instagram. **Stream: Inspiring Critical Thought**, 8(2), 36-56, 2016.

DA SILVA, Alômia Abrantes. Meu corpo, meu post, minha luta: ativismo de aceitação corporal e feminismo(s) em rede. In: **30° Simpósio Nacional de História** - ANPUH, 2019.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. Introdução. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de (org). **Explosão feminista: arte, cultura e política**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

JARA, T. M. 2019. **#Nenhumaamenos: : redes sociais e feminismos nos fluxos informativos do caso de feminicídio de Mayara Amaral**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 171p.

MIGUEL, Katarini. Entendendo a participação no movimento ambiental: ser ou não ser ciberativista do Greenpeace. In: BUENO, Wilson da Costa (org). **Comunicação Empresarial e Sustentabilidade**. Barueri: Manole, 2015.

OLIVEIRA, Catarina Nascimento de. Nas “Ondas” do Feminismo: Movimentos em avanço. In: **Coninter 4 - Congresso Internacional interdisciplinar em Sociais e Humanas**, Foz do Iguaçu PR: UNIOESTE, 2015.

ORGANIZAÇÃO THE BODY POSITIVE. **Our Story**. 2019. Disponível em: <<https://thebodypositive.org/about-us/>>. Acesso em: 20 nov.2020.

PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva. In: **X Congresso Latino-americano de Ciência Política**. México: Tecnológico de Monterrey, 2019. Disponível em: <<https://alacip.org/cong19/25-perez-19.pdf>>. Acesso em: 10 set.2020.

RANGEL, Natália Fonseca de Abreu. A emergência do ativismo gordo no Brasil. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress**. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: <<http://www.en.wwc2017/anais/AemergenciadoMovimentoGordonnoBrasilNataliaRangel.pdf>>. Acesso em: 30 nov.2020.

RANGEL, Natália Fonseca de Abreu. **O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados**. 2018. 178 f. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Ciência Política Instituição de Ensino: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis Biblioteca Depositária, 2018.

UGARTE, Davi. **El poder de las redes**. Madrid: Biblioteca de las Indias Electrónicas, 2007.



<sup>i</sup> Os conceitos de midiativismo e midialivrismo são debatidos com propriedade por Braighi e Camara (2018) e não conseguimos nos alongar no espaço do artigo. Convém, contudo, situar que não se trata apenas de ativismos a partir de dispositivos tecnológicos; enquanto o midiativismo possui uma função de mídia no interior da militância, revigorando as causas por meio daquilo que é transmitido, o midialivrismo pauta em primeiro plano a democratização da comunicação.

<sup>ii</sup> “Ativista responde piada considerada gordofóbica de Danilo Gentili”, Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,youtuber-responde-piada-considerada-gordofobica-de-danilo-gentili,70002132227>. Acesso em 05 ago.2021.

<sup>iii</sup> “A gente não quer mais ser visto como doente’: a vida de quem é alvo de gordofobia”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42446726>. Acesso em 05 ago.2021.

<sup>iv</sup> GURGEL. Alexandra. Resposta a Danilo Gentili, **Alexandrismos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WTb-fxOMxoY>. Acesso em 05 ago.2021.

<sup>v</sup> Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/famosos/internautas-de-mobilizam-apos-comentario-gordofobico-de-gentili/>. Acesso em 06 ago.2021.

<sup>vi</sup> “Vai ter goda na praia sim”. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1738457-vai-ter-gorda-na-praia-sim-realiza-to-em-salvador>. Acesso em 20 dez. 2020.

RECEBIDO EM 03/11/2021  
APROVADO EM 10/08/2022.